

Nossas propostas

O feminismo antirracista e anticapitalista, que luta pela igualdade e pelo fim da opressão das mulheres, tem propostas para a humanidade e é uma força organizada em todo o mundo.

As mulheres constroem em seu cotidiano, alternativas concretas à economia dominante, transformando a produção de bens, a reprodução social e o consumo. Somos parte da economia solidária, da agro-ecologia e da agricultura familiar que garantem a soberania alimentar, da proposta de aumentar o salário mínimo e reduzir a jornada de trabalho de todos, de maneira a permitir um compartilhamento real das tarefas domésticas entre homens e mulheres, além de propiciar mais momentos de lazer. Também defendemos outras formas de conviver nas cidades sem violência e de compartilhar nossa cultura e conhecimentos. Lutamos pela soberania alimentar dos povos, pelo direito a uma alimentação suficiente, saudável e culturalmente apropriada, ecologicamente produzida e com o direito dos povos de definirem seus próprios sistemas alimentares e agrícolas.

Lutamos para mudar uma realidade que faz com que no campo ou nas cidades as mulheres recebam salários menores que os homens nas mesmas ocupações e possuam menos direitos trabalhistas.

Somos também a maioria dos trabalhadores na saúde e na educação atuando para que estas políticas sejam públicas e de qualidade. Agimos circulando informação e cultura para quebrar o bloqueio da comunicação concentrada nas mãos de poucas empresas que tentam impor uma “verdade” única.

Estamos aqui cobrando dos governos, e em particular do governo brasileiro, o compromisso com a mudança do modelo de produção que continua fomentando a intensificação da exploração capitalista do trabalho e a destruição da natureza.

Reivindicamos que a maior riqueza que temos é a soberania dos povos e o direito de todos e todas aos bens comuns do planeta como territórios, águas e ar, e os direitos a alimentação, moradia, saneamento, educação, trabalho e transporte público.

Estamos aqui para falar de viva voz nosso direito a viver num mundo sem desigualdades, sem sexismo, sem racismo, sem homofobia, sem violência, sem a intolerância dos fundamentalismos religiosos, e sem exploração da natureza.

**Um mundo pleno de igualdade, autonomia,
dignidade e prazer**



AS MULHERES NA CÚPULA DOS POVOS

por Justiça Social e Ambiental

*Contra a mercantilização da vida e da natureza
e em defesa dos bens comuns da Humanidade*

Nós, mulheres, estamos hoje nas ruas do Rio de Janeiro para afirmar nossos direitos e nossa autonomia, a soberania dos povos e os direitos da natureza..

Somos negras, indígenas, brancas, rurais, urbanas, do campo, da cidade, da floresta, de todo o Brasil e de todos os continentes, unidas pela mesma comunidade de destino.

Vemos que em todo o planeta a natureza dá sinais de maus-tratos: inundações e enchurradas se alternam com longos períodos de seca ou racionamento de água; desastres ambientais se multiplicam. Fala-se em uma crise ambiental, produzida pela forma em que historicamente se organizou a indústria, a produção e o consumo desenfreado de mercadorias, com utilização intensiva das fontes energéticas, florestas, água e solos. Este sistema agora em crise foi quem produziu as desigualdades sociais e esta cada dia mais afetando os meios de vida das populações.

Queremos Soluções Verdadeiras e não Falsas Soluções

A Conferência Rio+20 traz consigo a afirmação de que é possível resolver a crise ambiental e econômica de uma vez só com a chamada “economia verde”. Mas isto não tem nada de novo: mascara de verde a mesma economia do lucro, destrói a natureza, que diz que ela não deve ser um bem comum de toda a humanidade, porque os povos não sabem cuidar dela e a gestão pública seria menos eficiente que a iniciativa privada e seus negócios. O mesmo pacote de medidas que nos levou as crises ecológica, energética, climática, alimentar e financeira pela qual passamos. Mas as florestas, as matas, os mangues que ainda existem, com tantas plantas, animais, microorganismos, - a chamada biodiversidade - só existe porque comunidades, e em especial as mulheres, indígenas, quilombolas, camponesas e pescadoras vivem lá há muitos anos e cuidam dela. Por que é desta relação de convívio equilibrado com a natureza que retiram o seu sustento.

Nós, dos movimentos sociais, reunidos na Cúpula dos Povos, marcamos os 20 anos da Eco 92, denunciando que a economia verde é uma falsa solução que vem a contribuir com a violação dos direitos humanos através da privatização dos serviços públicos essenciais. E também porque não ataca as causas verdadeiras da contaminação das águas dos rios e dos mares, do desmatamento que serve ao agronegócio exportador, do envenenamento dos solos e dos alimentos, da poluição do ar e da insustentabilidade da energia fóssil, hidrelétrica e nuclear.

Nossas Lutas

Nós, mulheres, conhecemos os impactos desses processos, e dedicamos boa parte do nosso tempo para superá-los. Nos países do Sul, somos responsáveis por cerca de 70% da produção de alimentos, somos encarregadas de coletar frutos

e sementes, conseguir água e lenha e cuidar dos pequenos animais nos quintais. Somos maioria na agricultura familiar, essa que colhe a comida do nosso almoço, e que vem sendo atacada pela indústria alimentícia, pelas monoculturas, pelas hidrelétricas e as grandes empresas concentradoras da terra.

Quando falta água, porque teve racionamento, ou porque não podemos pagar a conta, ou quando ela está contaminada pelo veneno usado nas plantações ou pela falta de tratamento, somos nós que temos que encontrar uma solução. Mas solução não é todo mundo ter dinheiro para comprar água. Essa é a situação, por exemplo, de Manaus, onde a água foi privatizada e chega na periferia da cidade durante poucas horas no dia, porque a empresa sabe que haverá uma mulher esperando para juntar a água em baldes.

Denunciamos também os transgênicos, o monopólio das sementes e o uso excessivo de agrotóxicos, que faz com que o Brasil seja recordista no uso de agrotóxicos com o consumo de 5 litros por ano por pessoa, poluindo nossos corpos, águas e solos.

Sabemos como é bom ter energia elétrica em casa e nos sentirmos mais seguras caminhando numa rua iluminada. E possível ampliar a oferta de energia elétrica sem construir barragens que inundam grandes áreas, expulsando comunidades e jogando as populações na precariedade, como denunciado os movimentos contra a construção da Usina de Belo Monte? Ou como aconteceu com as populações em torno das megasuinarias de Santo Antonio e Jirau? É possível ter celulares e outros eletrodomésticos sem que sejam descartáveis e sem uma mineração que causa a expulsão de famílias e a contaminação de terras e águas?

Denunciamos o crescimento econômico que é considerado como desenvolvimento. Se preservamos uma floresta ou se cuidamos de um rio, isto não é considerado crescimento, mas se usamos agrotóxicos, se vendemos a madeira da floresta ou se represamos um rio isto é considerado crescimento!.

O crescimento ilimitado não é possível nem sustentável, e o desenvolvimento para ser sustentável precisa contemplar não só o aspecto econômico, mas também o social e o ambiental.

Denunciamos o patriarcado capitalista e racista que mercantiliza o corpo das mulheres e ameaça seus direitos sexuais e reprodutivos, seu direito de exercer a orientação sexual livremente e a maternidade de forma autônoma e segura, e a denunciar a violação dos direitos das mulheres, da infância à velhice.

Também queremos questionar porque todo o trabalho e tempo que as mulheres dedicam ao cuidado dos outros e para o bem estar de todos, são invisíveis e considerados sem importância. Denunciamos que a violência praticada contra as mulheres tem sua origem e se revela na cultura racista patriarcal, já que esta ocorre em todos os espaços: domésticos, de trabalho e na própria sociedade. Repudiamos as guerras impostas pelo imperialismo; bem como, toda forma de exploração, opressão e ingerência que faz sobre as mulheres e os povos.